

CARTACAPITAL, 19 de Junho de 2002

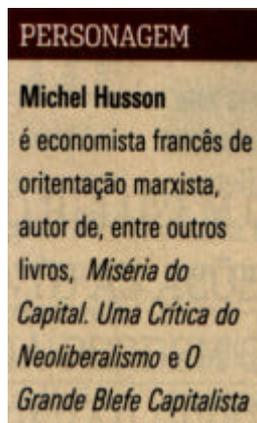
## NOSSO MUNDO | ENTREVISTA PELO PLENO EMPREGO

A esquerda só voltará a crescer quando retomar a luta pelos trabalhadores, diz Michel Husson.  
A ADRIANA WILNER E LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Á QUEM DIGA QUE ÀS FABRICAS DO FUTURO NÃO TERÃO OPERÁRIOS, Michel Husson, uma das estrelas da nova geração de economistas críticos da esquerda francesa, contrapõe : os trabalhadores continuam indispensáveis, o problema é que eles vêm perdendo participação na renda global. E a esquerda, em vez de sugerir alternativas, abraça as idéias neoliberais. Husson deu esta entrevista a *CartaCapital* durante recente visita ao Brasil, a convite da Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas (IIEP).

**CartaCapital:** *O senhor tem uma posição crítica em relação à visão, inclusive da esquerda, sobre a nova economia. Seu último livro, O Grande Blefe Capitalista tenta mostrar que o capitalismo mantém seus mecanismos fundamentais intocados.*

**Michel Husson:** Surgiu uma nova forma de produzir os lucros, que é uma forma anti-redistributiva. Há congelamento de parte dos salários e também, até recentemente, na Europa, um estancamento da duração da jornada de trabalho. E a financeirização da economia é um método para redistribuir aos rentistas os ganhos que não retornam aos assalariados. Mitterrand tinha uma frase famosa : dizia que, no âmbito da bolsa de valores, as pessoas enriquecem dormindo. Em toda a ideologia sobre a nova economia, há a noção de que o trabalho humano está desaparecendo. É uma falácia. Por exemplo, caso se tome a Amazon.com, existe uma parte virtual, quando se encomenda um livro, mas que não pode funcionar sem a parte muito tradicional de manipular, empacotar e enviar os livros. De certa maneira, as condições de trabalho muito duras das pessoas que na Amazon.com empacotam os livros resultam em ganhos na Bolsa.



**CC:** *Podemos dizer que o tempo livre se acumula na forma de capital financeiro para os especuladores e que sofremos uma sobreexploração?*

**MH:** Sim. Confrontando a evolução da taxa de desemprego na Europa com a taxa dos lucros das empresas no PIB, essas curvas evoluíram de maneira muito parecida. A idéia é a seguinte : se não há redistribuição aos trabalhadores, sob a forma de redução da jornada, há um aumento de desemprego, porque as pessoas trabalham ao mesmo tempo com mais produtividade. E o fato de não diminuir a jornada resulta em uma fonte de lucros financeiros. A conclusão é que não se pode realmente lutar contra o desemprego sem mudar a distribuição dos lucros que se formou dessa maneira.

**CC:** *Nessa visita ao Brasil, como o senhor percebeu essa luta?*

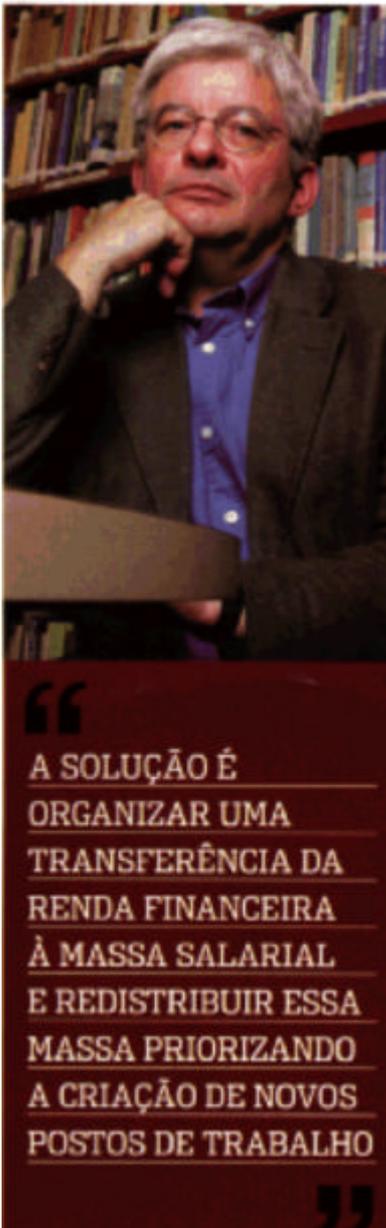
**MH:** Fui a um congresso que abordou os prejuízos à saúde com a intensificação do trabalho e a necessidade de se reduzir a jornada. O que me chamou a atenção é a universalidade dessa situação.

**CC:** *Quais são as soluções?*

**MH:** A ideia é organizar uma transferência da renda financeira à massa salarial e redistribuir essa massa com prioridade na criação de novos empregos. Não é somente um projeto. Na França, durante os últimos anos, foram criados 1,8 milhão de novos postos de trabalho em quatro anos e o desemprego baixou de 3 milhões para 2 milhões de pessoas. Houve êxitos, não suficientes, mas realmente mudou essa idéia de resignação ao desemprego. O pleno emprego reapareceu como um objetivo razoável de política econômica.

**CC:** *Por que, então, a extrema-direita cresceu tanto na França?*

**MH:** Houve dois fenômenos: uma abstenção maior e um aumento em direção à extrema-esquerda. Então, Jospin perdeu votos entre todas essas camadas e chegou em terceiro lugar. O crescimento da extrema-direita não é tão ou mais importante em 2002 do que ocorrido em 1995. E, no segundo turno, houve uma reação muito contundente contra Le Pen.



**CC:** *O senhor não pensa que a convergência de posições entre a esquerda e uma parte da centro-direita tenha levado a uma não diferenciação pelo público entre os dois candidatos?*

**MH:** Sim. Houve uma pesquisa muito interessante, perguntando aos eleitores potenciais se viam muitas diferenças entre o programa de Jospin e o de Chirac, os candidatos mais importantes teoricamente. A maioria respondeu que não. É um fenômeno que ocorre também em outros países, ou seja, a esquerda está em convergência. Define sua identidade não como uma alternativa ao neoliberalismo, mas para fazer um neoliberalismo humanizado – ou mitigado. Há um informe do Banco Mundial que se chama *Ajuste Estrutural com Face Humana*. O que chamamos social-liberalismo é isso. Nessas eleições, havia, por exemplo, um consenso entre Jospin e Chirac sobre a necessidade de baixar o Imposto de Renda. A única diferença entre eles era saber se ia para 33%, como prometia Chirac, ou 25%, como prometia Jospin. A questão da aposentadoria é muito importante na França, mas as diferenças são mais ou menos semânticas, quer dizer, a direita fala de fundos de pensão e a esquerda de fundo salarial, que acabam sendo os mesmos dispositivos. Então, há um certo cansaço, uma falta de entusiasmo para se escolher entre coisas que são muito parecidas.

**CG:** *O que a esquerda deve fazer diante dessa realidade, já que ela está sem alternativas?*

**MH:** Uma boa ideia seria ser realmente de esquerda (*risos*). É preciso repelir essas ideias do neoliberalismo. Por exemplo, a ideia de que os impostos são um mal absoluto. Os impostos são a maneira de financiar serviços públicos e a proteção social. Em Barcelona, houve uma câmara europeia algumas semanas antes das eleições. Chirac, Jospin e outros dirigentes europeus estavam lá e firmaram um acordo para, entre outras coisas, privatizar todos os setores, energia, gás, etc., e aumentar em três anos a idade para aposentadoria. Na França, em seus discursos, diziam que não iriam privatizar os setores públicos nem mudar a idade para a aposentadoria. Ou seja, fazem discurso duplo, em nível europeu e em nível nacional. Outra missão da esquerda é reduzir as desigualdades sociais, redistribuir a renda de maneira favorável aos mais pobres. Isso passa pela redução do tempo de trabalho e pela transferência dos ganhos financeiros.

**CC:** *Como evitar que o dinheiro fuja de um país, ou de um continente, se forem dados benefícios maiores aos trabalhadores?*

**MH:** A Europa pode ser vista como uma zona de estabilização para controlar os movimentos de capitais. Mas a Europa também tem uma responsabilidade especial na regulação em nível mundial. Por exemplo, a luta contra os paraísos fiscais pode ser uma contribuição. A Europa também tem a possibilidade de ser um contrapeso aos Estados Unidos para redefinir as normas do comércio internacional, especialmente na Organização Mundial do Comércio, de forma a introduzir regras que não sejam simples protecionismos contra os menos competitivos.

**CC:** *O senhor vê uma possibilidade de divergência entre as políticas da Europa e dos Estados Unidos? Porque nas zonas de comércio há um conflito neste momento, mas não é claro, por exemplo, que os europeus estejam dispostos a apostar muito no euro como moeda financeira.*

**MH:** É uma coisa complicada. A Europa financiou a nova economia. O déficit enorme da balança comercial dos Estados Unidos foi coberto com fluxos de capital que vinham principalmente da Europa. Depois de 11 de setembro, com a mudança da situação, a recuperação nos Estados Unidos vai se dar de uma maneira totalmente contra o resto do mundo.

**CC:** *Inclusive contra a Europa.*

**MH:** As medidas protecionistas são um exemplo disso. Outro problema é a tentação de baixar o dólar para reequilibrar o comércio. É um paradoxo, porque o euro é uma moeda débil em comparação ao que se esperava, mas foi um dos elementos da recuperação europeia nestes últimos anos. Se os Estados Unidos decidem que têm de reequilibrar e baixar o dólar, então teremos realmente uma crise, porque será um desafio ao que foi estabelecido na União Europeia. Estamos perto dessa situação. Por exemplo, o pacto de estabilidade, que está no Tratado de Maastricht e agora no de Amsterdã, impede déficit público. Se a desaceleração de crescimento continuar na Europa, o pacto de estabilidade não se pode aplicar.

**CC:** *Não se pode aplicar por conta das políticas fiscais que têm de ser feitas?*

**MH:** Exatamente.

**CC:** *Os Estados Unidos continuam fortes. Errou quem previa que iria acabar o financiamento para os Estados Unidos?*

**MH:** Todo o problema é impor, com um dólar forte, o déficit comercial ao resto do mundo, ou baixar o dólar.

**CG:** *Porque se ajusta ao dólar muito rapidamente, então vai provocar recessão no resto do mundo.*

**MH:** A economia na Europa é extraordinariamente sensível ao tipo de câmbio dólar-euro. Em 1997, o dólar subiu 15% e as exportações aumentaram também 15%. Se o movimento se der no sentido inverso, teremos o mesmo impacto.